

Escassas reflexões sobre as águas¹

Marcos Lobato Martins²

*Olhamos o rio como olhamos nosso corpo.
Sabendo que são uma mesma substância,
apenas diferindo na distância
em que a si mesmos se consomem.*

(Paráfrase de Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*)

*Enxergar longe é o devaneio do camponês.
(Georges Sand, *La Valeé Noire*)*

A primeira lição de Geografia de que me lembro foi sobre água. Água salgada, água do mar. O professor disse, para garotos que viviam a centenas de quilômetros do litoral, que sequer tinham visto o mar, que há muita água no planeta. Três quartos de água, um quarto apenas de terra. Mostrou um planisfério dominado pelo azul para provar sua palavra. Apontou com o dedo onde estávamos. Todos entenderam: vivíamos num mundo de água salgada ao redor de continentes e ilhas à beira do afogamento. Fiquei com medo da água, de morrer afogado numa invasão do mar. A água grande do mar tornou-se, para mim, desde então, potência de puro espanto, símbolo de força descomunal, de natureza imprevisível.

Mas, em seguida, o professor de Geografia falou da água doce e de sua escassez. Água de rios, ribeirões e lagoas. Realidade mais familiar para quem morava às margens do Ribeirão da Mata e aprendeu a nadar na praia minúscula que o Ribeirão das Neves formava, numa curva para a esquerda, bem debaixo da ponte da Fazenda Modelo. Água doce que mata a sede, irriga plantações, serve aos serviços domésticos e à produção industrial. Água doce que também esconde perigos. Os afogamentos na Cachoeira do Urubu, cujas histórias eram contadas detalhadamente nas esquinas da cidade. As doenças apanhadas por quem se atrevia a nadar no açude à montante da Cachoeira das Três Moças. A esquistossomose na Lagoa dos Mares. As *blitze* da Polícia Florestal na Lagoa do Sumidouro, que tinham a fama de prender pescadores e banhistas. Tudo isso era parte de minha infância.

Meu pai, engenheiro formado no tempo da Segunda Guerra, ensinava que a água era solvente universal. Discorria sobre a construção de represas e pontes, com a satisfação de quem submete adversário temido. Alertava para os erros cometidos pelas cidades na convivência com rios e chuvas. E ralhava com os filhos ao vê-los beber água de torneira ou das bicas na periferia da cidade.

Com o passar dos anos, as viagens pela Estrada de Ferro Central do Brasil, de Pedro Leopoldo a Corinto, me apresentaram as longas estiagens e os rios intermitentes. Vi cacimbas exaustas, gado prostrado ao redor de poças rasas de água esverdeada, mais lodo que água. Cruzei paisagens secas cuja crueza ultrapassava enormemente o impacto provocado pelas fotografias dos manuais escolares de Geografia, nos capítulos que tratavam do semi-árido e da caatinga. Observei ainda as chuvas torrenciais e as inundações que cobriam os pontilhões da ferrovia, arrastavam animais, árvores e até pessoas. As águas do sertão eram traiçoeiras – diziam os velhos trabalhadores da Central. De fato, da aridez se chegava à umidade extrema, à inundação imensa, apenas num salto. De modo que se devia saber compreender os sinais dos ribeirões e dos céus, do contrário a vida correria risco. Cautela que convém manter também no alto da serra, quando se está próximo do leite encaixado dos

¹ - Texto apresentado no “Café Manuelzão”, de 07 de novembro de 2008, na Faculdade de Medicina da UFMG, dentro de atividades do Projeto Manuelzão.

² - Doutor em História Econômica pela USP. Professor das Faculdades Pedro Leopoldo, Minas Gerais (FPL).

córregos e rios que descem montanhas. Todavia, ainda era época de se pensar somente na seca. O problema da água era simplesmente o problema de sua disponibilidade no sertão.

Muitos anos depois, já morando em Diamantina, aprendi mais alguma coisa sobre a água doce. Nas águas geladas e cristalinas de miúdos afluentes do Jequitinhonha, abri os olhos para ver coisas novas. Aprendi com garimpeiros e camponeses a dar para cada coisa um nome, um nome novo, que desvela sentidos próprios. Abri as cortinas da cabeça para ver tudo novo, apesar de minhas vistas velhas. A água doce é um mundo espaçoso, espesso, que se deve adentrar aos poucos. A água é do tamanho do imaginário social das comunidades e sociedades.

Os diversos tipos de água

Sobre a face da Terra ou noutra canto qualquer do universo, a água é a mesma substância formada de hidrogênio e oxigênio, numa proporção invariável. É o que ensina a Química, e o que acreditamos verdade a maior parte do tempo. Até que precisamos olhar essa substância de perto, empregá-la para satisfazer alguma necessidade ou relaxar os nervos. Então, a água se torna tão diversa como diferentes são as pessoas, ou melhor, as sociedades nas quais vivem as pessoas.

Para os matutos espalhados no interior de Minas Gerais, existe água dura e água mole. Água grande e água fina. Água de pedra e água de lama. Água corrente e água parada. E todos esses tipos comportam numerosas variações, porque entre o preto e o branco há muitos matizes. Perceber as diferenças exige aprendizado paciente, que não ocorre sem a disposição de ouvir as gentes do interior. Na infância, éramos capazes de aprender com o povo, tanto que se pode ler no poema “Aventura sem caça ou pesca”, de João Cabral de Melo Neto (1920-1999)³:

O Parnamirim com sua lama,/ e mais lama que rio ele é,/ limitava o quintal do fundo/ (até lá alcançava a maré)./ (...) Explorar o Parnamirim,/ leito de lama quase pez,/ era aventura de um menino/ (...) Pelo leito sensual e morno, no andar de andar em massapé,/ quando o riacho é só de lama/ e já não o emprenha a maré,/ à procura de caranguejos,/ em caçada ou pesca, não sei, ia ter ao vão de uma porta,/ o arco da Ponte do Vintém./ (...) Mas havia o andar pela lama,/ amor e medo, pedra e mel,/ e era o fim mesmo da aventura/ esse andar na lama: ela tem/ carinho de carne de coxa/ e das mucosas que contém,/ certa textura feminina, acolhimento de mulher,/ e certa qualidade viva/ que a faz lasciva para o pé./ (...) Eis que enfim o Capibaribe/ e a porta ou Ponte do Vintém;/ eis que se acaba a caça ou pesca,/ (...) A grande aventura se acaba/ onde o Parnamirim também:/ o riacho, na porta da Ponte,/ entra o rio-mor, João-ninguém,/ e o aventureiro que o viaja/ no leito dele e sua mulher,/ se escorre, que o Capibaribe/ é por ali de amplas marés.

O poeta diferencia os cursos de água por características culturais, históricas, ditadas pelos distintos modos das pessoas se relacionarem com as águas, num determinado tempo e lugar. O que significa que os rios, córregos e lagos são bons para pensar as sociedades e a história. O Capibaribe é largo, macho, definitivamente inadequado para as brincadeiras de crianças. O Parnamirim, ao contrário, é estreito, fêmea, carinhoso com os meninos. Os moradores sabem as diferenças entre os corpos d'água de sua região, nomeando-as com termos específicos. Devemos entender essas classificações e analisar suas implicações político-culturais.

Tarefas que não são mais exclusivas das Ciências Sociais e da História, embora lhes caiba preferencialmente por causa da tradição. Exploreemos esta senda alguns metros que seja, a fim de intuir as surpresas que ela guarda.

Água que é pureza

Inúmeras culturas fizeram da água símbolo de pureza e instrumento de purificação. Nossa sociedade moderna, midiática e consumista, potencializou ao

³ - MELO NETO, João Cabral de. *Museu de tudo e depois*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 24-26

extremo esse valor da água. Basta examinar a publicidade, que atribui à água poderes mágicos de purificar, limpar, rejuvenescer, refrescar, de promover a vida saudável. Quanto mais água no condomínio fechado, no *resort* ou no *spa*, maior o apelo e o preço de mercado que moradores e clientes aceitam pagar. Nas peças publicitárias, a água – seja o mar, a piscina ou a lagoa – transfere para a mercadoria dons de leveza e pureza, qualidades que têm preço de ouro. Mulheres esculturais, em banheiros que parecem existirem apenas em mansões bilionárias, lavam suas peles em água límpida enquanto propagandeiam os efeitos de sabonetes, cremes e shampoos. A água está lá, cristalina e farta, deslocando representações há séculos adormecidas no imaginário dos povos.

O publicitário sabe disso. Ele conhece a força da água corrente como símbolo de purificação. No Oriente e no Ocidente, no passado e no presente, a água limpa mais limpo. E quem não deseja ficar limpo? Para o Cristianismo, um dos significados sagrados da água é justamente a purificação do espírito. O espírito do fiel ou do gentio que se converte é lavado com água, especialmente no batismo. O mesmo ocorre entre os hindus, que devem entrar nas águas do Ganges periodicamente. Também os muçulmanos acreditam no valor de purificação da água, o que se infere do poema “A água da areia”, de João Cabral de Melo Neto: “*Podem a ablução, os muçulmanos,/ com areia, se não têm água;/ fazem da areia um outro líquido,/ eficaz igual no que lava.// A areia pode lavar neles/ qualquer espécie de pecado;/ na ablução ela flui como água,/ dissolve o mal mais empedrado*”⁴.

A água cura até mesmo os doentes, quando investida da força da fé. A cura de Naamã por intermediação do Profeta Eliseu é narrativa emblemática. Naamã, general do exército sírio, era homem valente, mas leproso. Ficou sabendo por uma escrava israelita que poderia ser curado por um profeta residente em Samaria, de nome Eliseu. Naamã seguiu para lá e, diante da porta do profeta, ouviu a ordem dada por um mensageiro: “Vai, lava-te sete vezes no Jordão e tua carne ficará limpa”. Irritado pelo que considerou recepção indigna, o general afastou-se indócil, dizendo: “Porventura os rios de Damasco, o Abana e o Farfar, não são melhores que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles e ficar limpo?”. Debaixo da insistência de seus servos, o general acabou cumprindo a ordem de Eliseu e “sua carne tornou-se tenra como a de uma criança”⁵. Como se sabe, o rio Jordão é uma nesguinha de água.

No imaginário judaico-cristão, a água que purifica é, geralmente, um fio de água limpa, como a que o padre verte sobre a fronte da criança. A água que apenas limpa, essa sim, pode ser a água grande, caudalosa, volumosa. Sua correnteza retira para longe os detritos, as imundícies, as carcaças dos bichos mortos. A chuva grossa, intensa, torrencial tem a mesma função. A água grande, como dizia meu pai, lava a superfície do mundo, em especial as ruas das cidades. Mas somente a água fina depura as almas. Nas palavras do poeta: “*Nesta hora humilde, Senhor,/ é em vão que procuro em mim/ todos os vestígios de minha loucura./ Os caminhos voltaram a ser tranquilos e luminosos.// Olha como esta água é pura*”⁶. A água fina, pura, cristalina, é elemento que participa das manifestações de religiosidade e do êxtase místico. A benção de fiéis e de seus bens materiais exige a aspersão de água benta pelo padre. A paz de alma é embalada pelo movimento e pelo som da água fina, que assobia entre pedras.

Por isso, o Paraíso é um jardim cortado por regatos cheios de curvas e requebros. Há riosinhos de água doce, de leite e de mel na morada do Senhor. A iconografia renascentista não deixa dúvidas: o Céu é semelhante aos campos bucólicos dos arcades. Nele, as almas boas se refrescam em águas finas, mais agradáveis ao tato do que qualquer seda chinesa.

⁴ - MELO NETO, João Cabral de. *Museu de tudo e depois*. p.127.

⁵ - Bíblia Sagrada. II Reis 5 (Cura de Naamã).

⁶ - MOURA, Emílio. *Itinerário poético*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Poema “Momento”, p. 72.

Todavia, a água símbolo de pureza e instrumento de purificação é tão-somente uma espécie de água. Há outros tipos no intrincado imaginário dos povos.

Água que é medo e mistério

Se a água fina signo de pureza deve ser venerada, a água que representa medo e mistério merece ser esconjurada. Esse tipo diferente de água é, geralmente, associado à água grande – os rios-mares e os oceanos.

Aqui, a referência clássica inescapável é o retorno de Ulisses para a ilha de Ítaca após a vitória grega na guerra contra Tróia. Viagem imensa, tanto na duração de dez anos quanto na sucessão de lugares estranhos que os navios e os homens de Ulisses encontraram. A água grande – no caso, o Mediterrâneo – escondia terras onde as pessoas comiam flores de lótus, ficando inebriadas de felicidade, ilhas habitadas por ciclopes, o reino dos gigantes lestrigões, a ilha Eéia (morada da feiticeira Circe, que transformava marinheiros em leões, lobos e porcos), a ilha das sereias (monstros marinhos que possuíam metade do corpo em forma de mulher e a outra metade em forma de ave) e a ilha Ogígia, casa de Calipso, a ninfa de belas tranças⁷. O mar, na sua imensidão, é símbolo de mistério e perigo, simultaneamente. Percorrê-lo custou altíssimo preço a Ulisses: a morte de todos os seus companheiros e o longo afastamento da mulher e do filho.

Entre os hebreus antigos, o mar era o símbolo do caos, lugar habitado por grandes monstros – o Leviatã e o peixe descomunal que engoliu Jonas. Daí porque, no Livro das Revelações, o mar se torna um grande cristal como sinal da vitória sobre o caos⁸. No imaginário medieval europeu, pouca coisa mudou de figura. A água grande dos oceanos continuou abrigando monstros pavorosos, capazes de engolir uma caravela num único bote. Lendas e histórias fantásticas sobre os perigos do oceano foram obstáculos ao início da expansão marítima européia. O “mar tenebroso” era morada de serpentes aladas, dragões, baleias e escondia cachoeiras e sorvedouros. Dele, o que todos sabiam, principalmente as mulheres, é que “o mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e outros desapareciam como se morressem. (...) Os navios, porém, levavam os homens sem que ninguém os prendesse. Tinham que ir e iam como enfeitados”⁹.

De certa maneira, o maravilhoso associado ao mar-oceano foi transposto pelas populações coloniais para os rios-mares da América, como o Amazonas. A água doce grande também virou lugar de mistérios e perigos. Nela vivem monstros, entidades diabólicas, caboclos e mães d'água. O caboclo d'água é ser troncado e musculoso, com pele cor de bronze e um único grande olho na testa, que se compraz em assombrar pescadores e navegantes, chegando a virar e afundar embarcações. Já as mães d'água, tapuinhas gordas de cabelo derramado da cintura para cima, e peixe da cintura para baixo, cavam buracões debaixo da superfície do rio, bem nas beiradas, enquanto cantam. Aparecem de noite e pegam gente, levando para o fundo do rio. No Amazonas, a mãe d'água recebe o nome de uiara. No rio São Francisco, as carrancas presas nas quilhas dos barcos têm justamente a função de afastar esses perigos¹⁰.

O mar-oceano e o rio largo são espaços de imprevisibilidade, cuja travessia põe em movimento noções ancestrais terríveis. A morte em naufrágios é odiosa. Assim como a morte que advém dos flagelos que espreitam os marinheiros e viajantes em longas viagens pela água. Não raro, as naus são representadas como túmulos – meu Senhor dos Navegantes venha me valê! A navegação através da água grande é batalha contra a fúria das ondas e dos ventos, luta contra as tempestades, exasperação nas calmarias, prova de capacidade de manter o norte, sem se desviar. A água grande, que separa as duas margens da civilização, para ser atravessada não

⁷ - HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

⁸ - Bíblia Sagrada. Apocalipse 4.6.

⁹ - FILHO, Adonias. *Luanda Beira Bahia*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 17.

¹⁰ - DUMONT, Sávia. *ABC do Rio São Francisco*. 2. ed. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

raro exige dos viajantes que abandonem as normas da vida moral e legal. A água grande incita motins, desperta instintos primitivos.

O “mar tenebroso” também era o espaço incógnito. Da mesma forma, a margem oposta do rio enorme esconde o desconhecido. A água grande traz insegurança e surpresa. Por ela pode chegar o “bárbaro”, um deus irado que anuncia nova idade do mundo, o cristão, o muçulmano, as canhoneiras inglesas. Tal como no poema de Emílio Moura (1902-1971):

A nau que chega do Além/ de onde é que vem?// Meus olhos procuram no ar,/ penetram fundo nas ondas,/ mas fica a interrogação:// a nau que chega do Além,/ dizei-me vós, a que vem?/ Meu coração se consulta,/ penetra fundo em si mesmo,/ mas fica a interrogação:// a nau que chega do Além, dizei-me vós, a que vem?¹¹

Por outro lado, a água grande é meio para olvidar, desterrar os inimigos, lançar nossos mortos, romper com o passado. Quando desejou consertar o mundo que havia criado, corrompido pela sanha humana, Deus mandou sobre ele água grande – o dilúvio, chuva de quarenta dias e quarenta noites. O mito diluviano possui raízes mesopotâmicas e está presente em diversas culturas. Para começar vida nova, conforme suas crenças religiosas puritanas, os *Pilgrim Fathers*, em 1620, cruzaram o Atlântico no navio Mayflower e fundaram a América, nova terra da promessa. Viagem que para eles equivaleu à travessia do Mar Vermelho por Moisés, à frente dos hebreus que fugiam do Egito. O rompimento com o passado é representado como travessia penosa de largo corpo de água.

A água que é ícone de civilização

Quem não admira a Suíça, notabilizada outrora pela precisão dos relógios que fabricava e pelo fato de não possuir exército regular, por causa de sua condição de país neutro numa Europa traumatizada por guerras? Na infância, eu vi muitas embalagens metálicas de biscoitos e chocolates suíços estampadas com paisagens de aprazíveis fazendolas incrustadas nos Alpes. Uma casinha, vacas gordas, pasto verde e regato azul. Mais tarde, em casas simples do Vale do Jequitinhonha onde entrei para conversar com moradores, reencontrei imagens similares. Pinturas a óleo na parede da sala, mostrando um vale em algum lugar do norte, um firmamento azul celeste, folhas tão verdes de ciprestes, grama baixa na margem da estradinha, uma casinha perto da qual vacas pareciam espetadas e um riacho – fino, limpo, calmo. Essa é uma imagem poderosa e popular da civilização. A água está lá, como elemento destacado. Mas a água domada pela mão humana. A água domesticada, cujo fluxo o homem controla e coloca a seu serviço.

A água signo de civilização é o espelho d'água essencial na composição dos jardins majestosos e dos palácios. Marco Pólo (1254-1324) ficou encantado com os palácios de Kublai Can, repletos de jardins entre riachos, cascatas e lagoas artificiais. A água nesses jardins canta as delícias do Paraíso, como argutamente percebeu o poeta Rilke (1875-1926):

Jardins existem plantados por reis/ que por um tempo ali se compraziam/ com raparigas que colhiam flores/ ao som de seus maravilhosos risos:/ velavam por esses calados parques,/ ciciavam qual brisa nos arbustos,/ rebrilhavam em veludos e peles,/ e a seda de suas roupas matinais/ sussurava nos seixos dos caminhos como um riacho¹².

Nos jardins, a água fina constrói simulacro do Paraíso. A água cenográfica, habitada por carpas coloridas e transposta por pontes de madeira em arco, contida por seixos bem encaixados aos pés de tufos de bambus, cerejeiras e templos budistas, exatamente como ainda existe nos antigos monumentos japoneses. Da mesma

¹¹ - MOURA, Emílio. *Itinerário poético*. p. 81.

¹² - RILKE, Rainer Maria. Da pobreza e da morte. In: *O livro das horas*. Trad. Geir Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 162.

natureza são os lagos dos jardins de Versalhes, prontos para propiciar a nobres e damas o prazer de remar pequenas canoas enquanto conversavam. No centro do Parque Municipal de Belo Horizonte, ou do muito mais famoso *Central Park* nova-iorquino, a água domesticada na forma de lagos e fontes denota civilização. Ah, não se esqueça a Pampulha!

Assim também as represas de usinas hidrelétricas domesticam a água grande de rios. Nas margens de seus reservatórios, instalam-se hotéis caros e balneários freqüentados por gente bem de vida. A água domesticada e transformada em mercadoria pode ser a atração-âncora de requintado lançamento imobiliário, que é símbolo insuperável de civilização. A propósito desses lagos, criados pelos homens com aparência bela e tranqüila, destinados a descansar os habitantes das metrópoles, persiste um paradoxo: tanta beleza é como um espelho da morte. Eles simplificam a paisagem e geram perda da diversidade impressa nos terrenos que submergiram. Evocam trechos tristes do poema “Travessia”, de Sylvia Plath (1932-1963):

Lago negro, barco negro, duas pessoas de papel picado negro./ O que as árvores buscam de beber que não encontram aqui?/ (...) No rastro dos remos, mundos de gelo./ O espírito do negro está em nós, nos peixes./ Um tronco podre flutuando, pálido de adeus (...) ¹³.

A água bravia, que desce corredeiras velozes, que rola violenta entre espartilhos de rocha, a água que brinca de pororoca ou a água que quebra nas falésias com estrondo, essa água não agrada aos homens civilizados. Eles preferem jardins com regatos calmos e lagos rasos e cristalinos. A água bravia do mar, revolta e ameaçadora, ficou contida nas telas da fase tardia de Joseph M. W. Turner (1775-1851), evocada pelos impressionistas. O rio imenso, por sua vez, é separação e barreira.

A água que é boa de beber

Habitantes das metrópoles tendem a pensar que água não poluída é água que as pessoas bebem de bom grado. Não se deveria alimentar essa certeza, porque ela não encontra respaldo no comportamento cotidiano de diversas comunidades interioranas. Para os campesinos, nem toda água é boa para beber.

A água grande, por exemplo, é tida como impura, de modo que não é boa para beber. Ademais, talvez porque carregue muita matéria orgânica, ela – dizem – tem gosto ruim. Ao banhar muitas partes do mundo, longínquas e desconhecidas, a água grande pode contaminar a alma e o corpo de quem a toca inadvertidamente. Por isso, os banhos nos rios grandes são precedidos de “pedidos de licença” para entrar na água e de curtas orações para proteger os banhistas. A água do rio grande só é usada na cozinha e para beber quando não há alternativa.

Também não é boa para beber a água empoçada, a água parada, a água velha. Os camponeses desconfiam dos reservatórios que retém água muitos dias. Não parece ser algo que se atribua tão-somente à ignorância. Ao contrário, essa desconfiança remonta às raízes dos tempos. Está inscrita nos aforismos do “Visionário apocalíptico”, William Blake (1757-1827): “(...) *A cisterna contém: a fonte transborda. (...) Da água estagnada espera veneno. (...) O melhor vinho é o mais velho, a melhor água, a mais nova*”¹⁴. Essa desconfiança também habita a medicina antiga dos miasmas, relembra o pavor de gregos e romanos pelos pântanos e os esforços incomensuráveis de dezenas de povos para drenar os terrenos alagadiços.

Matar a sede humana requer, de preferência, a água fina, a água mineral que brota do basalto. A água que respeitosa preenche as fendas das rochas, como sangue que do coração vai pra toda parte do corpo da terra. Convém lembrar que, no deserto, Moisés fez jorrar água da pedra para saciar seu povo. A bica, a nascente, o rego

¹³ - PLATH, Sylvia. *Pela água*. Trad. Maria de Lurdes Guimarães. Lisboa: Assíria & Alvim, 2000.

¹⁴ - BLAKE, William. *O matrimônio do Céu e do Inferno. O livro de Thel*. Trad. José Antônio Arantes. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 25-29.

d'água que corre encosta abaixo, entre árvores e pedras fornecem a água mais desejada. Essa é a água fina boa de beber. O manejo dela pelos vizinhos obedece regras estritas e antigas, cuja observância é sinal de respeito e de pertencimento à comunidade. No sertão, violências e mortes resultam das desavenças sobre o acesso e o uso da água boa de beber.

Último gole ou fim do banho?

Acabou, por ora, o fôlego para seguir na senda das múltiplas e intrincadas representações sobre a água. Como o barqueiro de músculos esgotados ao subir a correnteza, devemos parar para descansar na barranca, olhos postos no rio. Tomar do cantil e beber um gole de água fresca. Refrescar a goela e a cabeça. Fazer um balanço, ainda que provisório e precário.

Que se conclua logo o óbvio. Não existe água. Existem águas, como a água fina e a água grande, com qualidades de afeto diferentes. É necessário saber distingui-las para saber lidar com elas. Arriscamos, no quadro abaixo, sintetizar algumas distinções:

<i>Água fina</i>	<i>Água grande</i>
Cristalina	<i>Escura</i>
Leve	<i>Pesada</i>
Vida	<i>Morte</i>
Aguada	<i>Cloaca</i>
Devaneios da tranqüilidade	<i>Medos do inconsciente</i>
Compartilhamento	<i>Solidão</i>
Fluir vagarento	<i>Correnteza impetuosa</i>
Banho	<i>Navegação</i>
<i>Local</i>	<i>Regional/Global</i>

Se essas representações têm validade, então elas são forças materiais. Como afirmou Marx (1818-1883), isso significa que “a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”. Essas imagens sobre a água, que podem parecer impróprias e puníveis aos nossos olhos ambientalistas e aos olhos da lei recente, são, gostemos ou não, elementos ordenadores do mundo, de geração a geração. Princípios que possibilitaram a populações diversas realizar o gesto social de submissão da natureza. Tal verdade não pode ser desconsiderada nem pelos pesquisadores nem pelos *policy makers*. Ao contrário, cientistas, técnicos e gestores precisam compreender os pontos de vista dessas populações e os sentidos dados por elas à memória de seus primeiros feitos e dos de seus “antigos”.

Três tarefas se apresentam. A primeira delas é mapear exaustivamente as representações populares e tradicionais sobre a água, identificando as categorias que as informam, seus lugares de vigência e, o que é muito importante, os modos de relacionamento que as inserem em tramas de saberes práticos. Compreender a gramática costumeira das relações entre as gentes e as águas. A segunda tarefa é dialogar com essas representações. Diálogo aberto, curioso, respeitoso, que de repente poderá levar o técnico ou cientista a aprender com o camponês, a lavadeira, o canoeiro, o barranqueiro, o pescador. Diálogo que se pretenderá de mão-dupla, transformador, mobilizador, engajado na construção de renovados saberes ambientais e de “éticas do ambiente” ancoradas nos valores, princípios, sensibilidades e códigos que caracterizam determinada população. A terceira tarefa é gerar democraticamente políticas públicas que, tomando por base o fundo cultural das comunidades, promovam o desenvolvimento sócio-espacial. Inclusive, e principalmente, os programas de educação ambiental.